

ALVES, Fábio Lopes. “Entre emoções e moralidades: o cotidiano de um antropólogo em uma zona de meretrício”. *RBSE – Revista Brasileira de Sociologia da Emoção*, v. 14, n. 42, p. 121-135, dez de 2015. ISSN: 1676-8965.

ARTIGO

<http://www.cchla.ufpb.br/rbse/Index.html>

## Entre emoções e moralidades O cotidiano de um antropólogo em uma zona de meretrício

*Fábio Lopes Alves*

Recebido em: 15/07/2015

Aceito em: 04/11/2015

**Resumo:** O presente texto, tendo a antropologia da emoção e da moralidade (KOURY, 2014) como perspectiva transversal, propõe problematizar os caminhos metodológicos percorridos por ocasião de uma etnografia realizada em uma zona de meretrício no estado do Mato Grosso/Brasil. A reflexão aqui proposta incide sobre as formas de interação, os sentimentos de pertença, as relações interpessoais e os laços de afetividades experienciados pelo pesquisador (ALVES, 2014) durante o trabalho de campo cujos resultados encontram-se no livro “Noites de cabaré: prostituição feminina, gênero e sociabilidade na zona de meretrício” publicado pela editora Arte&Ciência, atualmente na terceira edição. Trata-se, portanto, de apresentar um relato autoral sobre como os dados da pesquisa foram coletados, na qual, pretende-se demonstrar como ocorreu a “descida ao campo” (MALINOWSKI, 1979; WINKIN, 1998). Essa comunicação se justifica a medida descortina o cotidiano e o comportamento do pesquisador em campo, num contexto marcado por escutas de histórias, memórias e fofocas em que emoções e moralidades, faziam parte da trama principal. **Palavras-chave:** Emoções, Moralidades, Prostituição feminina, Zona de meretrício, etnografia.

Ninguém sonharia em fazer uma contribuição às ciências físicas ou químicas sem apresentar um relato detalhado de todos os arranjos experimentais, uma descrição exata dos aparelhos utilizados, a maneira pela qual se conduziram as observações, o número de observações, o tempo a elas devotado e, finalmente, o grau de aproximação com que se realizou cada uma das medidas. *Bronislaw Malinowski*

A epígrafe de abertura desse texto descreve, claramente, a necessidade de o pesquisador apresentar para seu público, o relato da maneira como a pesquisa foi realizada. É por essa razão que esse texto se apresenta. Tenho o objetivo de cumprir a lição malinowski-ana ao conduzir o/a leitor/a aos *bastido-*

*res da pesquisa*, de uma etnografia realizada em uma zona de meretrício no estado do Mato Grosso/Brasil (ALVES, 2014) revelando como se deram meus primeiros contatos com o objeto de estudo, a minha inserção em campo, meu comportamento e, por fim, como os dados que embasam esta investigação foram levantados.

Para realizar essa tarefa, a discussão se divide em duas partes. Na primeira, procurei conceituar etnografia, bem como suas contribuições para a ciência. Em seguida, expliquei como foi realizada a pesquisa de campo junto às garotas de programa.

Por etnografia entende-se uma tradição de pesquisa em que o pesquisador convive intensamente com o seu objeto de estudo. O trabalho clássico dessa metodologia foi publicado em 1922 pelo antropólogo Bronislaw Malinowski na obra *Os argonautas do pacífico ocidental*, cujo caráter é inovador, pois, através dela, surge a possibilidade de uma nova compreensão do comportamento humano, a mescla da objetividade e do rigor científico com a vivência pessoal.

A grande contribuição desse trabalho foi o método inovador proposto pelo autor porque ele se utilizou da pesquisa de campo para levantamento de dados, atualmente conhecido como observação participante e este é um dos trabalhos fundantes da antropologia contemporânea. É preciso ressaltar, contudo, que Malinowski não foi o pioneiro da pesquisa de campo, mas foi o primeiro a elaborar a teoria da observação participante ao expor sobre a necessidade, num estudo antropológico, de se conviver com os nativos e morar com eles para que seja possível participar ao máximo de suas atividades cotidianas.

Dado a importância desse trabalho, Yves Winkin utiliza o termo “revolução” para descrever o impacto da metodologia malinowskiana no campo antropológico.

É uma primeira revolução, pois, de um lado, o antropólogo é e permanece durante muito tempo no campo mesmo, e, por outro lado, não encara mais aqueles que observa como graciosos animais exóticos, mas, sim, como pessoas dignas de respeito, cuja vida social se deve tentar re-

constituir por observação às vezes participante (WINKIN, 1998, p. 30).

Logo na introdução de *Argonautas*, Malinowski apresenta a descrição dos métodos utilizados na pesquisa etnográfica realizada junto aos nativos das Ilhas Trobriand. Há na obra uma passagem que é amplamente citada, pois descreve a característica etnográfica, a qual cito a seguir:

Imagine o leitor que, de repente, desembarca sozinho numa praia tropical, perto de uma aldeia nativa, rodeado pelo seu material, enquanto a lancha ou pequena baleeira que o trouxe navega até desaparecer de vista [...] imagine ainda que é um principiante sem experiência anterior, sem nada para o guiar e ninguém para o ajudar, pois o homem branco está temporariamente ausente, ou então impossibilitado ou sem interesse em perder tempo consigo. Isto descreve exactamente a minha primeira iniciação no trabalho de campo na costa Sul da Nova Guiné (MALINOWSKI, 1979, p. 19).

Rapidamente, esse texto passou a condição de paradigmático, tanto no contexto teórico, quanto metodológico sendo considerado, conseqüentemente, como referência antropológica obrigatória para a pesquisa de campo. Conforme revela Roberto DaMatta, essa postura levantou o pesquisador de sua poltrona fixa em uma biblioteca ou em qualquer outro lugar para lançá-lo nas incertezas das viagens. Essa mudança leva o estudioso a tomar contato direto com seus pesquisados (DaMATTA, 1987, p. 146).

Segundo Howard Becker,

O observador participante coleta dados através de sua participação na vida cotidiana do grupo ou organização que estuda. Ele observa as pessoas que está estudando para ver as situações com que se deparam normalmente e como se comportam diante delas. Entabula conversação com alguns ou com todos os partici-

pantes desta situação e descobre as interpretações que ele têm sobre os acontecimentos que observou (BECKER, 1999, p. 47).

O conceito de etnografia utilizado em meu estudo se ampara na definição elaborada por Winkin ao esclarecer que são três as competências exigidas num trabalho etnográfico, quando o pesquisador vai a campo. São elas: 1. saber ver; 2. saber estar com objeto de estudo e 3. saber escrever.

Etnografia é ao mesmo tempo uma arte e uma disciplina científica, que consiste em primeiro lugar em saber ver. É em seguida uma disciplina que exige saber estar com, com os outros e consigo mesmo, quando você se encontra perante outras pessoas. Enfim, é uma arte que exige que se saiba retraduzir para um público terceiro (terceiro em relação àquele que você estudou) e, portanto que se saiba escrever (WINKIN, 1998, p. 132).

Em síntese, a etnografia se refere à situação em que o pesquisador fica tão próximo do objeto, quanto um membro do grupo que ele estuda, à medida que este participa das atividades rotineiras daquele. Uma maneira de estabelecer essa proximidade é estabelecer laços de amizades com o grupo estudado.

Para Clifford Geertz, a definição de etnografia vai além de estabelecer relações, selecionar informantes, transcrever textos, mapear campos e manter um diário. O que a define seria o esforço intelectual para uma “descrição densa”. Nesse caso, claramente entendida como modelo de escrita oposta à “descrição superficial”.

A etnografia é uma descrição densa. [...] Fazer etnografia é como tentar ler (no sentido de “construir uma leitura de”) um manuscrito estranho, desbotado, cheio de elipses, incoerências, emendas suspeitas e comentários tendenciosos, escrito não com

os sinais convencionais do som, mas com exemplos transitórios de comportamento modelado (GEERTZ, 1978, p. 20).

Como bem apontado por Geertz, o antropólogo em campo, depara-se com suspeitas, incoerências, comentários tendenciosos que, juntos ou individualmente, formam uma verdadeira armadilha, para as quais ele precisará estar preparado para lidar.

A antropóloga Ruth Cardoso, ao discutir sobre *como escapar das armadilhas do método*, esclarece que a convivência e afetividade geradas por laços de amizades permitem chegar mais perto e mais fundo nos significados. Nessa relação, o pesquisador se envolve completamente e, por isso, seus valores ou sua visão de mundo deixam de ser obstáculos e passam a ser condição para compreender as diferenças e superar o etnocentrismo (CARDOSO, 1986, p. 102).

Ao escolher para esta pesquisa este método, tive o fito de cumprir as lições de Everett Hughes, que enfatiza a necessidade de, ao se fazer trabalho de campo, o pesquisador tem de observar as pessoas *in situ*. Significa que cabe ao estudioso descobrir onde estão as pessoas pesquisadas, permanecer com elas em uma situação que permita tanto a observação íntima de certos aspectos de seu comportamento, como descrevê-las de forma útil para a ciência social, sem causar prejuízo para as pessoas observadas (HUGHES, 1971, p. vii).

Para cumprir o descrito por Hughes, além da observação participante de forma sistemática, optei também pelo registro em diário de campo, entrevistas semiestruturadas e diálogos informais. Escolhi essa técnica para compreender o universo investigado por acreditar que, por meio desse método, é possível olhar e compreender as práticas e os discursos dos sujeitos estudados, suas dinâmicas cotidianas, seus comportamentos indi-

viduais e coletivos, bem como me permite compreender o ponto de vista das mulheres no contexto de prostituição.

Conforme esclarece Don Kulick, a resolução do enigma etnográfico implica em:

estar presentes em interações situadas dentro de um contexto e tenta explicar a lógica não manifesta que dá sustentação a essas mesmas interações – lógica que permite às pessoas agirem de determinados modos tidos como naturais, e possibilita que as pessoas digam coisas a outras pessoas, com a expectativa de serem compreendidas (KULICK, 2008, p. 35).

Essa metodologia se mostra útil ao proporcionar ao pesquisador a possibilidade de coletar o máximo possível de dados referentes ao grupo estudado. Segundo Howard Becker,

o pesquisador de campo, inevitavelmente, devido à sua presença contínua, coleta muito mais dados e, num certo sentido a ser explicado, faz e tem condições de fazer mais testes de suas hipóteses do que os pesquisadores que usam métodos mais formais (BECKER, 1999, p. 71).

Além da observação participante com registro em diário de campo, decidi-me, neste estudo, pela utilização da entrevista semiestruturada. Nessas entrevistas, utilizei um tópico guia que me foi útil como lembrete em situações de esquecimento sobre o que perguntar.

O tópico guia é, contudo, como sugere o título, um guia, e não nos devemos tornar escravos dele, como se o sucesso da pesquisa dependesse só disso. O entrevistador deve usar sua imaginação social científica para perceber quando temas considerados importantes e que não poderiam estar presentes em um planejamento ou expectativa anterior, aparecerem na discussão (GASKEL, 2002, p. 67).

Durante as entrevistas, procurei seguir um truque revelado por Becker, perguntar “como” ao invés de por que, conforme explica o autor:

quando entrevistava pessoas, se lhes perguntava por que haviam feito algo, provocava inevitavelmente uma resposta defensiva. Quando, por outro lado, eu perguntava como alguma coisa havia acontecido minhas perguntas funcionavam bem. As pessoas davam-me respostas longas, contavam histórias cheias de detalhes, forneciam-me explicações que incluíam não só suas razões para o que quer que tivessem feito, mas também as ações de outros que haviam contribuído para o resultado em que eu estava interessado (BECKER, 1999, p. 86).

Em linhas gerais, meu objetivo aqui foi apresentar as potencialidades que a etnografia oferece. Portanto, passo agora a expor, em linhas gerais, como foi minha inserção em campo.

### **O trabalho de campo com as garotas de programa**

Os argumentos desenvolvidos na análise de dados baseiam-se em seis meses de trabalho de campo com garotas de programa. Nesse período, pude conviver com aproximadamente 25 mulheres que moraram no cabaré pesquisado, com quem tive um contato estreito e contínuo. Mesmo quando deixei de fazer a pesquisa de campo, eu as visitava, pois, o que começou com uma observação participante, pouco a pouco se transformou em amizade. Se no início da pesquisa eu me sentia obrigado a passar muito tempo com as prostitutas pelo fato de as estar estudando, o relacionamento que foi se desenvolvendo nos tornou tão próximos que, por diversas vezes, eu as visitava ou as recebia em minha própria casa.

Quanto aos métodos empregados nessa pesquisa, segui três princípios éticos defendidos por Laud Humphreys,

ao fazer uma etnografia do “sexo pessoal em lugares públicos”. Para esse autor, em primeiro lugar, não deve o cientista social, ignorar ou evitar uma área de pesquisa simplesmente porque seja difícil ou socialmente delicada. Em segundo, o pesquisador deve abordar todo e qualquer aspecto do comportamento humano fazendo uso dos meios que menos distorçam os fenômenos observados. E, por fim, ele deve proteger os seus informantes de qualquer perigo, seja qual for o preço a ser pago por sua proteção (HUMPHREYS, 1974, p. 148).

A partir dessa decisão, eu precisava de uma metodologia que me garantisse o máximo de fidelidade em relação ao universo que seria pesquisado. Por compreender que o método etnográfico é o que mais se aproxima da minha expectativa, elaborei o plano para a investigação participante.

Tal como ocorreu com William Foote White (1974), em seu trabalho sobre o cotidiano de uma favela italiana nos Estados Unidos, meu objetivo era obter uma visão íntima do cotidiano no cabaré. Inicialmente, alguns problemas se apresentaram. Dentre eles, o de me estabelecer como participante no ambiente de prostituição, de modo a obter uma posição da qual eu pudesse observar.

Em outro trabalho, esclarece o autor, sobre a necessidade de o antropólogo possuir um informante-chave que faz o trabalho de intermediação entre o pesquisador e a comunidade investigada (WHITE, 1990). De início, minha tarefa foi a de conseguir alguém que pudesse me apresentar para alguma garota de programa ou para a dona do cabaré e emitir alguma referência sobre mim. Esse trabalho não foi fácil, pois assumir que se conhece alguém da zona de meretrício implica na possibilidade de sofrer algum tipo de preconceito. Por isso, optei por procurar homens, com os

quais eu convivía, e que declaravam abertamente frequentar a zona de meretrício.

Inicialmente, conversei com um aluno que havia feito uma pesquisa com as prostitutas em um cabaré para a disciplina Antropologia e Comunicação, que, à época, eu ministrava. Questionado sobre a dona do ambiente, ele esclareceu:

Ela é de boa. No início houve um pouco de receio. Mas quando ela soube que estávamos ali para fazer um trabalho da faculdade, ela mesma nos convidou para retornar ao ambiente no período da tarde para que pudessemos conversar melhor (Antonio).

Fiquei empolgado com a resposta dada pelo jovem. Imaginei ter encontrado a pessoa que intermediaria a pesquisa. No entanto, quando interrogado sobre a possibilidade de me apresentar às mulheres, ele afirmou:

na boa, não tenho como fazer isso. É que naquela época que nós fizemos o trabalho lá, nós aprontamos a maior folia com elas sem pagar nada. Uma inclusive quebrou um braço ao fazer um strip-tease pra nós. Aí nunca mais voltamos lá. (Antonio)

Em síntese, em minha primeira tentativa não consegui ninguém que pudesse fazer a “ponte” entre mim e o ambiente a ser investigado.

Devido à tentativa frustrada, optei por alterar o foco. Resolvi procurar alguém que tivesse apenas o número do telefone da dona da zona de meretrício. Com esse dado, estava disposto a me apresentar e dizer sobre meu interesse, mesmo correndo o risco de não ser aceito pelo fato não ter sido indicado por ninguém. Fui até a Universidade em que leciono e perguntei para a telefonista: “você sabe o telefone, ou alguém que possa nos informar o telefone da

Geni<sup>1</sup>”? A secretária me respondeu: “eu não tenho e também não sei quem tem. Mas o filho dela se chama Manoel Carlos trabalha como mototáxi. Só não sei em qual, mas se você procurar pelos pontos de mototáxi vai encontrar”, como a cidade é pequena a informação não seria difícil.

Fiquei satisfeito. Já possuía uma dica. Diante dessa pista, fui à casa de uma aluna que nasceu e sempre residiu na cidade e, por isso, conhecia muitas pessoas. Ao chegar, não a encontrei. Mas, ao dizer para sua filha qual era meu interesse, a adolescente me informou que o mototaxista Manoel Carlos trabalhava num mototáxi em frente ao mercado central. “Vai lá que você encontra ele”, disse-me.

A satisfação aumentou. As pistas estavam se expandindo. Fui ao local indicado. O mototáxi estava aberto. Um rapaz jogava videogame. Perguntei-lhe sobre Manoel Carlos e fui informado que era ele. Apresentei-me e expliquei que precisava falar com a mãe dele. Após informar o número de telefone, ele me questionou sobre o que eu desejava com ela. Disse que se tratava da necessidade de se estabelecer um contato para a realização de uma pesquisa acadêmica sobre prostituição.

Em seguida me dirigi à Universidade. Optei por efetuar a ligação do telefone institucional por entender que a ligação originada de uma Instituição de Ensino Superior poderia reforçar o interesse estritamente acadêmico da pesquisa. Fiz a primeira ligação, mas não obtive êxito e deixei recado. Passados quinze minutos, tentei novamente e, mais uma vez, sem sucesso. Deixei a Universidade.

Ao retornar, mais tarde, para novas tentativas, a secretária executiva do Campus me informou que a senhora

Geni havia retornado a ligação. Fiquei animado. A idéia de utilizar o telefone da Universidade havia dado certo. Tentei novo contato. A chamada é completada, porém quando Geni atende, cai a ligação.

Eram aproximadamente 16 h. O segundo dia de tentativa já se findava e eu ainda não havia conseguido falar com a dona do cabaré. Decidi ir pessoalmente ao local, embora não tivesse conseguido nenhuma referência. Iria, então, expor-lhe meu objetivo: fazer uma pesquisa participante, na tentativa de convencê-la permitir minha presença em seu cabaré.

### A aproximação

Não bastava, contudo, tornar-me conhecido pelas prostitutas. O tipo de informação que a pesquisa objetivava exigia o estabelecimento de relações muito próximas. Diante dessa situação, optei por ir ao ambiente prostitucional, apresentar-me e dizer sobre meu interesse. Sabia de igual modo que essa seria uma forma “tudo ou nada”, pois poderia tanto ser aceito como recusado pelo grupo.

Ao me aproximar de Geni Drinks, verifiquei que o portão de acesso estava aberto, e como estava no meu carro, fui entrando. À medida que adentrava, reduzia a velocidade. Antes mesmo de parar o carro, avistei uma moça – trajando apenas um shorts branco e um sutiã preto – que se levantava para me esperar na porta. Desci do carro. Cumprimentei-a e também a outras meninas que lanchavam. Pedi que chamasse Geni. Ela desceu por um corredor central e logo escutei a garota dizer: “Geni, tem um moreno querendo falar com você”. “Só pode ser conta. É cobrador”, respondeu Geni. Naquele momento, meu coração acelerava. Fiquei preocupado e imaginando como estaria sendo visto pelas mulheres e se seria aceito naquele ambiente.

<sup>1</sup>Nome fictício da dona do cabaré mais popular da cidade. Vale ressaltar que todos os nomes de pessoas e lugares referidos nesta pesquisa são todos fictícios.

Geni vem me atender. Apresentei-me. Com um sorriso no rosto, ela me convidou para ir até a recepção. Falei da minha pesquisa e do meu interesse em frequentar sua casa para compreender como é um ambiente de prostituição.

Num primeiro momento, a reação foi de insegurança por parte dela. O fato de eu ser professor no curso de jornalismo me trazia prejuízos. Ela temia que eu fosse um jornalista e tinha receio de que eu expusesse seu cabaré em algum meio de comunicação.

Enquanto isso, algumas garotas passavam por nós, no intuito de saber o que estava sendo conversado. Dada à insegurança, informei que a pesquisa tinha fins estritamente acadêmicos, mas se minha presença atrapalhasse, bastaria ela me dizer e eu me retiraria. Como não recebi nenhuma resposta, pedi um momento e me dirigi até o carro. Peguei dois livros, nos quais tenho capítulos publicados e a apresentei. Ao lhe entregar, reiterei que, em um dos textos, havia escrito sobre a representação da prostituição feminina. Imediatamente, percebi a mudança de postura.

Logo em seguida, a dona do cabaré foi-me questionando: “ah, você quer escrever um livro sobre as prostitutas?” Respondi que sim. Uma das garotas disse: “hum... Ele quer escrever um livro sobre a gente. Viu como a gente é importante?” Logo, Geni autorizou minha presença, porém com ressalvas, tais como: não fazer gravações, preservar o nome da boate, cidade, meninas, dentre outras.

Tamires uma das garotas que, durante o diálogo, passou por nós várias vezes, se aproximou e disse: “Quando você veio pra cá a meninas queriam saber o que estava acontecendo. Aí eu disse pra elas: pode deixar que eu vou lá tentar descobrir alguma coisa”. Ao saber do meu interesse, imediatamente começou a contar um pouco da sua experiência como garota de programa.

Nesse instante, outra moça veio e disse: “Tamires você não vai assistir? Já está passando?”. Ela respondeu sorridente: “Agora não. Estou dando entrevista! Sou importante, bem!”.

Não era uma entrevista propriamente dita. Mas, naquele momento já pude perceber que elas se sentiam valorizadas ao conversar sobre seu cotidiano. É uma maneira de elas se sentirem importantes. Afinal, a vida delas passa a ter interesse para outras pessoas. Ao me despedir, Geni afirmou: “pode vir aqui a hora que quiser. Mas, se puder, venha amanhã, pois amanhã temos a noite da langerrí”. Tratava-se da noite em que todas as mulheres ficam apenas de calcinha e sutiã a espera dos clientes.

Planejei retornar a noite. Novamente fiquei preocupado. Seria minha primeira noite de observação participante. As dúvidas eram: saberia me relacionar com elas? Minha pesquisa iria dar certo? Poderia frequentar várias noites seguidas? Quanto isso iria me custar? Afinal, aparentemente, seria preciso consumir bebidas para estar no ambiente. Essas foram algumas das questões que imediatamente me inquietaram.

Conforme será visto mais adiante, de forma tímida e insegura passei a conviver com meu objeto de estudo. A pesquisa de campo não foi fácil. As mulheres com que convivi exigiram, involuntariamente, a escolha de uma metodologia apropriada que me permitisse sair do *status* de estranho ou intruso e passasse a ser considerado alguém próximo. Em princípio, minha presença as deixava inibidas. No entanto, com o passar do tempo, as relações próximas e as amizades, seguindo as orientações de Ruth Cardoso, foram estabelecidas. No caso desta investigação, as amizades me favoreceram, tendo em vista que passei a ser convidado para participar dos momentos de lazer do grupo estudado, incluindo churras-

cos, festas, baile, banhos de rio e sol, entre outras atividades.

### **Taxista de Cabaré**

Tão logo negocieei minha entrada em campo, na qual deixei claro para as garotas de programa meu interesse em estudá-las. Na noite seguinte, por volta de 20 h, retornei ao cabaré para iniciar a pesquisa. Pelo número de carros que se encontravam no estacionamento, percebi que a casa estava movimentada. Ao entrar, cumprimentei apenas Geni que se encontrava no balcão, pois todas as meninas estavam acompanhadas. Nessa noite, o número de mulheres não era suficiente para atender a todos os clientes que ali se encontravam.

Enquanto isso, Laura, que acabara de sair de um programa, aproxima, cumprimenta-me e me leva para conhecer a máquina de música. A música do ambiente é paga pelos clientes. Cada música custa R\$ 1,00. Para ouvir é preciso inserir uma cédula ou moeda. A máquina reconhece o valor e libera o número de canções proporcionais ao valor pago. Em seguida, Laura me diz: “olha... fique de olho quando os clientes forem colocar música, assim podemos colocar as que você gosta”. Agradeço a gentileza e reflito sobre o fato de elas estarem começando a interagir comigo. Nessa noite, comecei a me familiarizar com o ambiente. À medida que as meninas saíam do quarto, elas tomavam a iniciativa de me cumprimentar. Uma delas demonstra contentamento quando identifico e elogio seu perfume.

Nessa noite, após observar o ambiente, resolvi ficar um pouco na sala de dança que se encontra localizada nos fundos da zona. Local onde também há um palco de strip-tease. Dado a falta de mulheres, alguns clientes se alegram dançando sozinhos. Vejo que Tamires começa a pedir R\$ 10,00 para cada cli-

ente que se encontra no ambiente. Esse é o valor cobrado para que eles assistam seu strip-tease. Ao chegar minha vez de contribuir, quando levei a mão em direção à carteira, ela sussurrou em meu ouvido, para que eles não ouvissem: “você não precisa pagar! Você é de casa”.

Os clientes colaboram. Tamires que, a momentos atrás, estava somente de calcinha e sutiã, apareceu com o corpo coberto com um sobretudo preto e um chapéu “cartola”. Em seguida, no palco, o espetáculo se iniciava. O sobretudo vai ao chão. Apenas uma calcinha estilo fio dental com um “lacinho” do lado direito e um top cobrem o seu corpo. Logo o top também cai. Por baixo havia um sutiã. De repente, totalmente nua, ela desce do palco e começa a dançar com o corpo o mais próximo possível do rosto dos clientes, mas com todo o cuidado para não encostar-se a eles. Essa encenação é feita para todos os clientes que pagaram. Portanto, logo pensei: ela não vai dançar para mim porque não paguei. Chegando minha vez, tudo ocorre de forma natural como se eu estivesse pago. Laura, que estava ao meu lado, diz: “estou te observando, se você precisar vou trazer um babador pra você”.

Passado o espetáculo do strip-tease, circulo novamente pela casa. Sento-me em frente ao balcão. Um cliente começa a conversar comigo e me oferece uma cerveja. Eu agradeço. Tamires me convida para ir à cozinha. Enquanto conversávamos, Geni diz: “Fábio, tem uns caras ali que estão a pé. Eu disse que você leva eles para casa. Mas é trinta reais. Eles aceitaram. Leva eles, é bem pertinho, é ali no posto”.

Assim, começa minha experiência de taxista. Quando volto, há outra corrida. Essa era em direção a minha casa. O preço estabelecido por Geni foi quinze reais. Como praticamente não tive gastos, disse-lhe que o dinheiro

arrecadado seria utilizado para comprarmos pizza e comermos juntos na noite seguinte. As meninas comemoraram.

### **Pousando na zona: o cotidiano de um “segurança”**

Se antes eu circulava pelo interior da zona, por não me sentir inserido, passado uma semana, comecei a ser convidado para participar dos movimentos internos. Quando a casa está sem cliente, uma atitude tomada por elas na expectativa da chegada deles era ir para frente da zona, levar algumas cadeiras e ficar acenando para os motoristas que passavam. Quando isso acontecia, eu era convidado a participar. Com o tempo, elas começaram a se sentir mais à vontade e não mudavam mais o rumo da conversa quando eu me fazia presente. Em determinada noite, após ficarem em frente ao cabaré acenando e chamando os clientes e eu as acompanhando, começou a chover e entramos para o recinto. Como não havia nenhum cliente na casa, Laura buscou em seu quarto uma câmera fotográfica e começou a tirar fotos.

Num certo instante, ela me convidou para fazer parte do grupo fotografado e disse que, a partir daquele momento, eu também fazia parte da zona. As noites de pouco movimento eram propícias para conversarmos sobre os mais diversos assuntos de meu interesse sem a formalidade de um gravador. Isto é, eram nesses diálogos abertos que eu fazia muitas perguntas sobre as quais tinha interesse em saber e elas me respondiam de forma natural.

Após vinte dias de observação participante, em determinada noite, chega uma dupla de rapazes. Eles chamam duas garotas para irem para o fundo da boate. Camila, uma das convidadas, diz que não iria acompanhá-los porque eram muito mal educados. Eles escolhem, então, outra garota para inte-

ragir e saem para os fundos. Um deles retorna ao salão e presencia um rapaz sorrindo e imagina que o jovem ri dele. Em visível estado de embriaguez, foi tirar satisfação com o outro cliente querendo saber por que ele estava sendo motivo de zombaria. O rapaz explica que não estava rindo dele. Ele, nervoso, diz que vai sacar a arma e atirar no cabaré. Algumas meninas e eu nos preocupamos. Tomei a iniciativa de ficar em frente a porta, com as mãos para trás, de modo a dar a entender que fosse realmente o segurança da casa. Ele me observou. Olhei dentro de seus olhos. Mesmo estando com medo, procurei não demonstrar. Ele saiu. Acompanhei todos seus movimentos. Ele se deu conta de que era observado e voltou para os fundos e no ambiente tudo voltou à normalidade.

Ao começar um strip-tease, Geni pediu para que eu a acompanhasse de modo a impedir que qualquer cliente invadisse o palco onde ela exibia seu show. Novamente, fiz pose de segurança. O rapaz que momento atrás havia ameaçado atirar me chama. Com medo, fui. Ele me pediu uma cerveja. Busquei e compreendi que ele imaginava que de fato eu era um funcionário da casa. Após o show, ele e seu amigo propuseram para Joice, grávida de seis meses, que ela transasse com os dois, ao mesmo tempo, num motel. Ela recusou, temendo violência. Posteriormente, eles fizeram a mesma proposta para duas outras garotas que, temerosas, também recusaram. Diante das negativas, optaram por dormir na boate. Novamente, o medo da violência pairou sobre elas. Por isso, Geni pediu se, naquela noite, eu poderia dormir ali, pois caso houvesse algum problema ter-se-ia a figura masculina no ambiente, visando inibi-los.

Geni escolheu um quarto que estava vago para eu pousar. Era o de número três. Dormi ao lado do quarto

onde os clientes, tidos como violentos, faziam o programa. Ouço os gemidos da relação sexual. Uma das minhas funções era ficar atento para quaisquer sinais de violência. O combinado com as meninas foi: se houvesse quaisquer atos de violência elas bateriam na parede ou gritariam meu nome.

Tudo ocorreu dentro da normalidade. Às 6h47min, ouvi a movimentação dos clientes. Levanto-me, abro o portão para eles saírem, fecho e volto a dormir até as 11 h, horário em que elas se levantam. O assunto do café da manhã foi sobre os clientes da noite anterior. Elas me agradeceram pelo fato de eu ter me passado por segurança. A partir daquele dia ganhei a alcunha de segurança pelas meninas do cabaré.

Em função de elas se referirem assim a mim, tive a preocupação de me portar como tal. Com olhar firme, mãos para trás, passei a caminhar por toda a boate para que os clientes também assimilassem essa imagem. Esse foi um ganho extraordinário. A partir de então, tive a liberdade para circular por qualquer espaço sem causar constrangimentos.

Passada uma semana desde a data que “assumi” a função de segurança, Geni pediu que eu ficasse no caixa enquanto ela limpava algumas mesas nos fundos. Prontamente aceitei e refleti sobre o fato de ter conseguido conquistar a confiança dela. Ao vê-la voltando com uma vasilha de copos que estavam para ser lavados, pedi se poderia lavá-los. Ela sorri e diz: “professor, você? Lavar copos?”.

Diversas vezes almocei no ambiente de pesquisa. Por mais que, por reiteradas ocasiões, Geni dissesse para eu me sentir a vontade e ir fazer refeições sempre que quisesse, precavi-me de somente almoçar quando convidado especificamente para aquela ocasião. Eram nesses encontros que, ao retornar para casa, eu levava em meu carro as

garotas de programa para irem ao médico, dentista, hotéis e motéis para atender clientes. Tornou-se uma prática comum, sempre que elas precisavam sair na parte da tarde eu era convidado a almoçar e, em seguida, saímos juntos.

Até aqui, relatei como se deu a convivência com as garotas de programa no interior do bordel. No entanto, a observação participante, permitiu que, a convite das próprias garotas de programa, não ficasse restrita ao cabaré. Em função de eu passar a ser visto com alguém da própria zona de meretrício sempre que havia momentos de lazer eu era convidado a participar. Todavia, dada as limitações espaciais não será possível descrever aqui.

Após esse período, acumulei várias fotografias, todas tiradas pelas próprias garotas de programa. Elas faziam o registro nas câmeras particulares, nos mais diversos momentos, e pediam para eu salvar as imagens em CDs e ficar com uma cópia de segurança em meu computador, pois em caso de extravio elas me procurariam. Fui autorizado a publicar essas imagens desde que feito tratamento imagético com vistas a não mostrar os rostos das personagens. Essa foi a única restrição imposta.

A antropóloga Claudia Fonseca torna claro que o sexo do pesquisador é um dos múltiplos fatores que compõem o lugar da pesquisa. “O sexo de um indivíduo tem grande influência sobre seu acesso a dados e situações de campo. Homens presenciam cenas que seriam vedadas à mulheres e vice versa” (FONSECA, 1996, p. 31). Pude vivenciar essa situação quando estive em campo. O fato de o estudo ter sido realizado por mim, isto é, um pesquisador e não por uma pesquisadora não foi sem significância. Tive acesso aos dados que uma pesquisadora teria dificuldade em conseguir. A esse respeito, vide (GASPAR, 1985). Trata-se de um trabalho exemplar que retrata com total maestria

as dificuldades impostas à mulher que estuda a prostituição feminina no momento em que precisa estabelecer relações com as informantes. No meu caso, não tive esse infortúnio, tendo em vista que, em nenhum momento, fui visto como alguém que poderia disputar clientes com as garotas de programa. Situação esta que pode ser inversa quando se trata de uma pesquisadora. Sobre as condições de um homem pesquisando mulheres garotas de programa vide também: (FREITAS, 1985).

Em meu primeiro contato deixei claro que meu objetivo no local pesquisado era por fazer um estudo etnográfico. Assim, foi possível evitar que elas me vissem como um cliente em potencial.

A observação participante, que começou de forma tímida, permitiu que, a convite das próprias garotas de programa, não ficasse restrita ao cabaré. Em função de eu passar a ser visto com alguém da própria zona de meretrício sempre que havia momentos de lazer eu era convidado a participar. Num determinado sábado, combinamos ir a um show que aconteceria na cidade.

Para o show, Geni reservou um camarote próximo ao bar. A escolha do local não era por acaso, deu-se em função de, a maioria das pessoas terem de ir ao bar para buscar bebida, logo veriam “as meninas da Geni”. Na ocasião, havia duas novas garotas que, segundo Geni, precisavam ser exibidas. Durante o show, encontro duas professoras colegas minhas de trabalho. O estigma sobre a investigação se manifesta imediatamente. De acordo com uma delas, eu não estava em pesquisa, mas sim me aproveitando. Já que, para ela, a coleta de dados deveria ser feita apenas na zona e não fora. Explico sobre minha investigação. Não consigo, porém, convencê-la. De igual modo, outras pessoas que me viam acompanhados das garotas

de programa fora do ambiente prostitucional faziam piadas preconceituosas.

Quando saímos da festa, aproximando-me do meu carro, acompanhado das meninas, ouvi a seguinte expressão “Ho, Fábio Cabaré”! Elas, irritadas, olham para tentar identificar quem gritou, mas não conseguiram. Camila, que possui uma tatuagem da “coelhinha da playboy” trajava uma roupa que permitia ver parcialmente a tatuagem, ouviu a seguinte frase: “olha lá a puta da coelhinha!” Ficou aborrecida com o comentário e respondeu sem mesmo saber para quem: “sou puta mesmo. Mas tenho orgulho. E essas patricinhas que ficam dando para qualquer um de graça?” Em seguida, entrou em meu carro chorando.

Após o show, decidiram que iriam almoçar em um restaurante à beira do rio. Chegamos à zona, aproximadamente às 06 h da manhã. Geni me disse: “professor, agora você é nosso. Vamos almoçar junto. Seu quarto está preparado. Já dorme aqui com a gente. O dia já está amanhecendo”.

No almoço, ao conversar com Geni, comentei que fora aprovado em um concurso no estado do Pará e aguardava convocação. Ela me fez o convite para, caso minha namorada permita, abrir um cabaré em sociedade com ela naquele Estado. Como o convite estava condicionado à aceitação de minha namorada, não foi preciso responder naquele momento.

Durante a fase de observação participante, eu estava cumprindo algumas disciplinas do Mestrado. Nesses casos, tendo em vista que eu me ausentava por mais de uma semana, eu “pedia uma folga” para Geni. Era uma maneira de eu justificar minha ausência. Numa determinada segunda-feira de manhã, após uma semana de aula e, consequentemente, sem visitar o cabaré, às 10h e 14m meu celular toca. Geni do outro lado, diz: “professor, sua folga

acabou antes da hora. Venha pra cá porque hoje vai chegar quatro meninas e é bom você conhecer para saber da vida delas. Se você não vier, eu vou te cobrar multa”. Agradei a informação e confirmei minha presença.

Coincidentemente, naquele mesmo dia, ao ir para a Universidade, um gari, que estava limpando a calçada, aborda-me dizendo: “E aí, professor? Como estão as meninas lá em cima?” Respondo: “este ano eu não estou dando aulas na vila!” Referindo-me à escola onde lecionei no primeiro semestre de 2009 e que se situa na parte alta da cidade e é comumente referida pelas pessoas como “lá em cima”. Ele, então, responde-me: “não... quero saber se você tá com novas mulheres lá em cima?” Ele imaginava que era o administrador da boate ou cafetão e queria saber, como diz a gíria masculina, se eu estava com “carne nova no pedaço”. Lembrei-me da informação que Geni acabara de me passar e disse “sim, claro! Hoje deverá chegar mais quatro mulheres”. Ele perguntou: “mas são gostosas?” Respondi: “não sei por que não as conheço”. Ele encerrou o diálogo com a seguinte frase: “espero que sejam todas top de linha”. Te encontro lá ainda essa semana”.

Houve outras situações dessa natureza, na qual eu era abordado por pessoas, que, por vezes, não conhecia e elas pediam informações sobre o cabaré. Em geral, os questionamentos eram sempre no sentido de obter informações sobre a chegada de novas meninas.

Chego à boate, naquele dia, por volta da meia noite. Geni diz: “vou te cobrar multa por causa do horário que está chegando e assume seu balcão porque eu estou cansada!”. Ela foi para o quarto e eu assumi o caixa. Do balcão, olhei para o quarto e percebi que ela dormia. A sensação foi muito interessante. Estava na condição de pesquisador e me sentia lisonjeado pela confi-

ança em mim depositada, isto é, atender, fechar conta, receber pagamento e emitir troco.

Nesse dia, Raíssa me apresentou para as quatro novas meninas e esclareceu sobre meu interesse na zona. Minha vontade era de ficar próximo das novas meninas para poder lhes conquistar a confiança. Todavia, naquele momento, isso não seria possível em função da responsabilidade de estar no caixa.

Essa função, contudo, não impede de que Raíssa se aproxime e entabule conversa sobre o novo namorado. Nesse instante, sou chamado. Ela estava sentada no corredor entre o balcão e a parede. Peço licença. Recebo a seguinte resposta: “passa atrás de mim. Pode dar uma varada”. No retorno, a situação se repete. E ela diz: “cuidado com essa bengala atrás de mim” e ri. O cliente pergunta se sou seu namorado. Ela informa que é apenas minha amiga e reitera: “ele é o único amigo que eu tenho de verdade. Ele já cansou de me ver pelada. Mas entre a gente a amizade vale mais que qualquer coisa. Só que vamos cobrar R\$ 100,00 dele de multa porque ele chegou atrasado”.

Dados os limites espaciais que um texto acadêmico nos impõe, foi preciso sintetizar as funções por mim desenvolvidas durante a fase de observação participante. Além das descritas acima, no interior no cabaré, também atendia aos quartos, levando toalhas quando solicitada tanto pelos clientes quanto pelas garotas. A pedido de algumas profissionais, eu ficava próximo à porta onde eram realizados os programas para ouvir a relação sexual no intuito de identificar possíveis casos de violência. O combinado era que se houvesse o gemido seria de maneira diferente, de modo a me levar a perceber, e ao cliente não, que elas estavam pedindo ajuda. Acresce-se ainda a execução das funções de porteiro, garçom e manobrista. Por duas vezes, acredito eu,

diferentes clientes imaginaram que essa era minha função, pois, sem dizer nada, apenas entregaram as chaves dos carros para mim. Como em ambas as ocasiões nada me foi dito, entendi que era para eu manobrar e retirar seus respectivos veículos. Assim o fiz.

Almocei várias vezes no ambiente. Por mais que, por reiteradas vezes, Geni dissesse para eu me sentir a vontade e ir fazer refeições sempre que quisesse, precavi-me de somente almoçar quando convidado especificamente para aquela ocasião. Eram nesses encontros que, ao retornar para casa, eu levava em meu carro as garotas de programa para irem ao médico, dentista, hotéis e motéis para atender clientes. Tornou-se uma prática comum, sempre que elas precisavam sair na parte da tarde eu era convidado a almoçar e, em seguida, saímos juntos.

Após esse período, acumulei várias fotografias, todas tiradas pelas próprias garotas de programa. Elas faziam o registro nas câmeras particulares, nos mais diversos momentos, e pediam para eu salvar as imagens em CDs e ficar com uma cópia de segurança em meu computador, pois em caso de extravio elas me procurariam.

Dados os limites espaciais imposto a um relato de pesquisa, não foi possível problematizar no presente texto outras condições em/de campo, que incluem o que representou conquistar a confiança de Tamires? De que maneira incide o desempenho da figura da Geni na articulação da casa? Como ocorre a transformação do ambiente entre local de moradia x local de trabalho. No entanto, os leitores interessados nestas questões poderão encontrar uma descrição mais detalhada em (ALVES, 2014).

Por fim, é mister ressaltar que esses apontamentos pessoais são relevantes porque compõem o traço peculiar à pesquisa etnográfica, conforme expôs Malinowski, sobre a necessidade de o

pesquisador compartilhar do ambiente pesquisado, o experienciando. Foi nesse clima que durante seis meses, de março a agosto de 2009, convivi intensamente com essas mulheres, quando pude observar suas práticas no período de trabalho, nas horas de folga e nos momentos de lazer.

### Referências

ALVES, Fábio Lopes. *Noites de cabaré: prostituição feminina, gênero e sociabilidade na zona de meretrício*. São Paulo: Arte&Ciência, 2014.

BACELAR, Jeferson Afonso. *A família da prostituta*. São Paulo: Ática, 1982.

GASKEL, George. Entrevistas individuais e grupais. In: BAUER, Martin; GASKEL, George. *Pesquisa qualitativa com texto: imagem e som*. Petropolis: Vozes, 2002.

BECKER, Howard. Marginais e desviantes. In: \_\_\_\_\_. *Uma teoria da ação coletiva*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1977.

BECKER, Howard. *Métodos de pesquisa em Ciências Sociais*. São Paulo: Hucitec, 1999.

BECKER, Howard. *Outsiders: estudos de sociologia do desvio*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 2008.

BECKER, Howard. *Segredos e truques da pesquisa*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007.

BECKER, Howard. *Uma teoria da ação coletiva*. Rio de Janeiro: Zahar, 1977.

CARDOSO, Ruth. As aventuras antropológicas em campo ou como escapar das armadilhas do método. In: CARDOSO, Ruth. (org.). *A aventura antropológica: teoria e pesquisa*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.

DAMATTA, Roberto. *Relativizando: uma introdução à antropologia social*. Rio de Janeiro: Rocco, 1987.

- ENGEL, Magali. *Meretrizes e doutores: saber médico e prostituição no Rio de Janeiro (1840-1890)*. São Paulo: Brasiliense, 2004.
- FONSECA, Claudia. A dupla carreira da mulher prostituta. *Estudos Feministas*. Florianópolis. V 04, n.1, 1996, p. 7-33.
- FREITAS, Renan Springer de. *Bordel bordéis: negociando identidades*. Rio de Janeiro: Vozes, 1985.
- GASPAR, Maria Dulce. *Garotas de programa: prostituição em Copacabana e identidade social*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1985.
- GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.
- HUGHES, Everett. O papel do trabalho de campo nas Ciências Sociais. In: JUNKER, Buford. *A importância do trabalho de campo: uma introdução às Ciências Sociais*. Rio de Janeiro, Lida-dos, 1971.
- HUMPHREYS, Laud. A transação da sala de chá: sexo impessoal em lugares públicos. In: RILEY, Matilda White, NELSON, Edward E. *A observação sociológica: uma estratégia para um novo conhecimento social*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1974.
- KOURY, Mauro Guilherme Pinheiro. O Universo das imagens. *Revista Educere et Educare*. v. 09, n. 17, 2014a.
- KOURY, Mauro Guilherme Pinheiro. *Estilos de vida e individualidade: escritos em antropologia e sociologia das emoções*. Curitiba: Appris, 2014b.
- KOURY, Mauro Guilherme Pinheiro. *Introdução à sociologia da emoção*. João Pessoa: Manufatura/GREM, 2004.
- KULICK, Don. *Travesti: prostituição, sexo, gênero e cultura no Brasil*. Tradução de Cesar Gordon. Rio de Janeiro: EdFiocruz, 2008.
- LÚCIA, Amara. *A difícil vida fácil: a prostituta e sua condição*. Petrópolis: Vozes, 1984.
- MALINOWSKI, Bronislaw. *Os argonautas do Pacífico Ocidental*. São Paulo: Abril Cultural, 1979. (Col. Os pensadores).
- MARTIN, Denise. *Riscos na prostituição: um olhar antropológico*. São Paulo: Humanitas, 2003.
- OLIVEIRA, Emerson Ribeiro. *Dicionário do sexo e da prostituta*. São Paulo: Scortecci, 2001.
- RODRIGUES, Marlene Teixeira. A prostituição no Brasil contemporâneo: um trabalho como outro qualquer? *Katalyses*. Florianópolis. v.12, n. 1 p. 68-76 jan/jun. 2009.
- WHITE, William Foote. A sociedade das esquinas: a estrutura social de uma favela italiana. In: RILEY, Matilda White, NELSON, Edward E. *A observação sociológica: uma estratégia para um novo conhecimento social*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1974.
- WHITE, William Foote. Treinando a observação participante. In: GUIMARÃES, Alba Zaluar (org.). *Desvendando as máscaras sociais*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1990.
- WINKIN, Yves. *A nova comunicação: da teoria ao trabalho de campo*. São Paulo: Papyrus, 1998.

Between emotions and moralities: the daily life of an anthropologist on a prostitution establishment

**Abstract:** This text, having the anthropology of emotion and moralities (KOURY, 2014) as a transversal approach, proposes to problematize the methodological paths taken during an ethnography in a prostitution establishment in the state of Mato Grosso / Brazil. The reflection proposed here focuses on the forms of interaction, feelings of belonging, interpersonal relationships and affections ties experienced by the researcher (ALVES, 2014) during the field work which the results are in the book "Noites de Cabaré: prostituição feminina, gênero e sociabilidade na zona de meretrício" (Cabaret Nights: female prostitution, gender and sociability in the prostitution establishment) published by Arte&Ciência, now in its third edition. It is matter, therefore, to present an authorial account of how the survey data were collected, in which, is intended to demonstrate how occurred the "immersion in the field" (MALINOWSKI, 1979; WINKIN, 1998). This communication is justified insofar as it reveals the researcher's everyday and behavior in the field, in a context marked by hearing stories, memories and gossips, where emotions and moralities were part of the major plot. **Keywords:** emotions, moralities, female prostitution, prostitution establishment, ethnography

